

Comunicação e empatia: explorações na trilha de Husserl e Stein¹

Communication and empathy: explorations on Husserl's and Stein's path

Luis Mauro Sá Martino

<https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>
lmsmartino@gmail.com

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Foi pesquisador-bolsista na University of East Anglia, Inglaterra. É professor do PPG em Comunicação e do curso de Jornalismo da Cásper Líbero, onde também edita a revista *Líbero*. Foi coordenador do GT Epistemologia da Comunicação, da Compós (2015-2016). Autor, entre outros, dos livros *Ética, Mídia e Comunicação* (Summus, 2018), *Métodos de Pesquisa em Comunicação* (Vozes, 2018), *Teoria das Mídias Digitais* (Vozes, 2014), *Mídia, Religião e Sociedade* (Paulus, 2016), *The Mediatization of Religion* (Routledge, 2016), *Teoria da Comunicação* (Vozes, 2009) e *Comunicação e Identidade* (Paulus, 2010). Suas pesquisas se voltam à Teoria e Epistemologia da Comunicação e às relações entre Mídia, Política e Religião.

<http://lattes.cnpq.br/0251927939615742>

Resumo

Na contramão de certos discursos mercadológico-pragmáticos que colocam a empatia como “estratégia” ou “ferramenta”, este texto procura recuperar sua concepção fenomenológica original, presente em Husserl e Stein, articulando-a com uma perspectiva relacional de comunicação. Para tanto, o conceito é pensado para além da noção comum de “colocar-se no lugar do outro” em prol de uma abordagem que ressalta as tensões da empatia, como encontro, presença e conflito, com o comunicar. A proposta desenvolve dimensões da empatia como: (1) componente do encontro sensível e afetivo no ato de comunicação; (2) reconhecimento de si e da alteridade, entrelaçando a singularidade das vivências na formação do espaço comum, e (3) elemento presente nos atos comunicacionais pela via das narrativas, relatos e testemunhos que intermedeiam a relação com o outro. Essas dimensões são vistas em uma perspectiva comunicacional e ética com a alteridade.

Palavras-chave: empatia, comunicação, epistemologia, alteridade.

Abstract

Contrary to some market-driven approaches that place empathy as a ‘strategy’ or ‘skill’, this text underlines its phenomenological conception, as developed by Husserl and, especially, Stein, and its articulation with a relational perspective on communication. To do so, empathy is thought beyond the common notion of “stepping in each other’s shoes” in an approach that emphasizes the tensions of empathy, such as encounter, presence and conflict, with communication. The proposal develops three dimensions of empathy as: (1) a component of the sensitive and affective encounter in the act of communication; (2) a recognition of self and of otherness, intertwining the uniqueness of experiences to create a common space, and (3) an element of communicational acts through narratives, reports and testimonies that intermediate the relationship with the other. These dimensions are seen in a communicational and ethical perspective with otherness.

Keywords: empathy, communication, epistemology, alterity.

Introdução

Em seu sentido mais comum, “empatia” costuma ser entendida como “colocar-se no lugar de outra pessoa”, referindo-se, de maneira vagamente positiva, a “entender

como a outra pessoa está se sentindo”, próxima de “compaixão” ou “pena” – quase uma certa “sentimentalização” do conceito, conforme aponta Larocco (2018, p. 4). Ao mesmo tempo, a ideia também pode ser encontrada em discursos voltados para o mercado, nos quais “entender o outro” seria uma estratégia de persuasão, motivação ou liderança. A título de exemplo, é tema de um livro da série “Emotional Intelligence”, publicada pela Harvard Business Review (2017).

A concepção aqui é outra.

¹ Uma versão prévia deste texto foi apresentada ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS, 05 a 08 de junho de 2019. O autor agradece as contribuições de todas e todos os colegas do GT.

Este texto aproxima a noção de empatia, no sentido proposto por Edith Stein (2016) e Edmund Husserl (2016), com a comunicação – na perspectiva plural desse conceito, como vem sendo debatido, de maneiras diferentes, por Braga (2010), França (2001), Marcondes Filho (2012), Wolton (2011) e Ferrara (2013; 2018), entre outros.

A base dessa discussão é que um dos fundamentos da comunicação é a ética da alteridade – “ética” não no sentido de um conjunto de normas ou um código de conduta, mas, como propõe Emmanuel Lévinas (2011), a ética como responsabilidade diante do outro ser humano. Esse tema, aliás, foi apresentado, inclusive, no GT Epistemologia da Comunicação da Compós (Martino e Marques, 2017; 2018).

A ideia aqui é aproximar empatia e comunicação sem reduzir um conceito ao outro: os dois fenômenos são próximos e estão relacionados, mas não existe uma relação de causa e efeito entre eles. É possível perceber a ligação entre ambos a partir de perguntas relativamente simples, que aparecem quando se coloca em discussão a capacidade de entender as outras pessoas.

Diante do outro, como posso colocar-me no lugar dele? Quando se problematiza o “estar diante”, há também um “estar fora”, um “exterior”: como chegar até a alteridade e encontrar o eu que lá habita? De que maneira tecer o espaço do comum com a alteridade? Como sentir a experiência do outro sem ser o outro, ou, menos ainda, sem fingir ser o outro? E esse outro eu, na relação intersubjetiva, como oferecerá sua hospitalidade? Comunicação e empatia estão entrelaçadas, mas com atritos e tensões entre elas: afinal, como podemos “comunicar” com o outro sem sentir algo próximo?

A ideia de empatia, na comunicação, está ligada a esse *pathos*, termo de tradução mais complicada do que pode parecer: trata-se da “paixão”, não no sentido romântico comum, mas do “sentir” intenso. Esse *pathos*, comunicado e comunicável, possibilita o compartilhamento de vivências e cria um espaço comum entre as pessoas, no sentido explicado por Sodré (2014) e Yamamoto (2017). Mas esse espaço é efêmero, próximo do que Lucrecia Ferrara (2013) define como a experiência aberta do verbo “comunicar”, como ação, em contraposição ao substantivo “comunicação”, elemento fechado.

Não há, aqui, a pretensão de ineditismo: outros trabalhos na área de comunicação procuram fazer relações com a empatia. O tema vem ganhando espaço, por exemplo, em pesquisas sobre a empatia do público com personagens de televisão (Escalas e Stern, 2003; Chory-Assad e Cicchirillo, 2005), nas práticas profissionais do jornalismo, publicidade e propaganda e relações públicas (Cruz e Paiva, 2017; Viegas, 2016; Miller, 2007; Glück, 2016) e no universo da internet e dos jogos digitais (Gomes, 2009; Pereira, 2013; Assis, 2017). Esses textos, em certo

ponto, relacionam a empatia com a mídia. Aqui a ideia é pensar a empatia como um fenômeno paralelo à comunicação – seja ela mediada ou não pela tecnologia.

A proposta se desenvolve em três direções da empatia: (1) primeiro, como sendo o componente do encontro sensível e afetivo, o *pathos*, na comunicação; (2) segundo, como reconhecimento de si e da alteridade, entrelaçando as vivências e formando um espaço comum, e (3) finalmente, como elemento particularmente forte nas narrativas, nas histórias que contamos, relatos e testemunhos que intermedeiam a relação com o outro.

A dimensão do encontro sensível: a comunicação e o ato empático

Vale começar explorando um pouco mais a palavra “empatia”. De raiz grega, a expressão deriva de *pathos*, que, como visto, costuma ser traduzido como “paixão” ou “emoção”. Embora relacionada a isso, *pathos* se refere também a uma espécie de “resposta”, emocional ou passional, a uma ação ou acontecimento que a desencadeia. Essa sensação acontece quando há uma relação, algo que se torna presente, seja de maneira imediata ou situada no tempo – por exemplo, quando temos a memória de algo ou imaginamos uma situação.

A palavra “empatia”, indica Peters (1983), descrevia no vocabulário grego antigo algum tipo de sofrimento, emoção negativa, próximo do que atualmente se identificaria como “patologia” – não deixa de haver uma nota de ironia pensar no uso exclusivamente positivo que o conceito de “empatia” ganha em certos discursos.

Na Idade Média, segundo Magnavacca (2005), isso se acentua nas traduções latinas do conceito ao se referirem a *pathos* como *passio*. Isso destaca o aspecto de “sofrer”, não no significado comum da palavra (“alguém está sofrendo”), mas próximo de “ser intensamente afetado”. Em um nível emocional profundo, em última instância, o sentido é de tal intensidade que arrisca a se perder no próprio vazio, o “patético”, além da possibilidade de nomear.

A palavra “empatia”, no entanto, é moderna: data do meio para o fim do século XIX, lembra Pereira (2014).

A então recém-criada psicologia, na segunda metade do século XIX, vai se preocupar com a questão dos “estados mentais” e como investigá-los dentro de uma perspectiva empírica. Em outras palavras, o problema era prático: como saber o que se passa na mente de outra pessoa? Até que ponto bastaria ela falar para esclarecer? É o filósofo Franz Brentano (2016 [1874]) quem levanta essa questão: no estudo das questões psicológicas: até que ponto o médico e o paciente conseguiam se comunicar? Mais para a frente, isso ultrapassa o âmbito da clínica e chega ao cotidiano: como saber o que se passa, em termos

cognitivos e emocionais, com o outro? Como posso estar seguro de que entendo o outro? Mais ainda, como *reconhecer* o que a outra pessoa está falando sem ter experimentado as mesmas situações?

Em seu livro *Psicologia de um ponto de vista empírico*, publicado em 1874, Brentano coloca o problema da possibilidade de uma pessoa compartilhar seus estados mentais e, com isso, da própria comunicação:

Além da percepção direta de nossos próprios fenômenos mentais, temos um conhecimento indireto dos fenômenos mentais dos outros. [...] Eles são expressos mais plenamente quando uma pessoa os descreve diretamente em palavras. É claro que tal descrição seria incompreensível, ou até impossível, se a diferença entre a vida mental de dois indivíduos fosse tal que não contivesse nenhum elemento comum. [...] Mas este não é o caso. Pelo contrário, é óbvio que nossa capacidade de comunicação [mittheilung] mutuamente inteligível engloba todos os tipos de fenômenos e que nós mesmos somos capazes de formar ideias de estados mentais experimentados por outra pessoa durante uma febre ou outras condições anormais com base em sua descrição (Brentano, 2016, p. 38).

Para Brentano, a ligação entre pessoas é construída no momento da expressão, do sentido e da atribuição de significado ao que se sente: um ponto central da comunicação se apresenta na expressividade de um *pathos* que, compartilhado, desperta no outro sentimentos próximos – a empatia, embora ele ainda não use essa palavra. Vale notar que Brentano utiliza a palavra alemã “Mittheilung”, “comunicação de”, para destacar a situação na qual é possível compreender os estados mentais dos outros.

Husserl, aluno de Brentano, leva a questão adiante nas *Meditações cartesianas* e nas *Conferências de Paris*. Embora o termo “empatia” não seja criação sua, Husserl parece entender a empatia como possibilidade da relação entre as pessoas: o encontro com o outro é também um deslocamento do sujeito, trânsito de si mesmo em direção à alteridade, como também lembra Sanchez (2014). Esse ato se baseia na identificação das vivências, na tentativa de ver no outro algo de si, estar “por dentro” de suas emoções e paixões, no sentido da palavra alemã “Einfühlung”, recorda Patrícia Manganaro (2004, p. 24, nota 18).

O termo “empatia” tem uma dimensão de movimento, de gesto, da ação de ir ao encontro do outro: o contrário de “empatia” não é “anti-*pathos*”, mas o estático, o indiferente, o “a-*pathos*”. Como afirma Boemer (1984, p. 26), empatia “é uma forma para apreender a essência do fenômeno, pois, para se compreender, há de existir uma relação de empatia de modo que o ‘eu’ que observa o ‘outro’, ao contrário de se excluir, penetra no outro”.

Isso significa, também, a possibilidade de conflito, na contramão de uma perspectiva de “empatia” que a considera de maneira sobretudo positiva. A empatia acontece dentro do que Judith Butler (2016) chama de “cena de interpelação”, isto é, situações nas quais a presença do outro cria conflitos latentes em relação ao que se pode sentir da alteridade, ou como ela se dá a conhecer. A identidade de vivências traz conflitos aos sujeitos: o contato com o outro pode lembrar experiências, sentimentos e condições negativas de si mesmo.

Edith Stein (2005), em sua tese de doutorado intitulada *Sobre o problema da empatia*, orientada por Husserl, trata do assunto em detalhes. Ela estuda o problema de como podemos perceber e compreender os estados subjetivos dos outros, uma alteridade ao mesmo tempo presente e inalcançável, que se coloca diante de cada um, paradoxalmente, como o mais familiar dos mistérios – o “semelhante dessemelhante”, como define, em clave poética, Octávio Paz. Para Edith Stein, a empatia se apresenta como um dos fundamentos da relação com o outro, na medida em que permite ter uma noção, ainda que aproximada, do que se passa com a alteridade:

A apreensão das experiências de outras pessoas – sejam sensações, sentimentos ou qualquer outra coisa – é uma modificação da consciência unitária, típica (embora diferenciada de várias maneiras) e requer um nome unitário; para ela escolhemos o termo “empatia”, já usual para uma parte dos fenômenos pertencentes a ela (Stein, 2005, p. 79).

Para tanto, a empatia se transforma em ação: é “empatizar” com o outro – algo que lembra a abertura do “comunicar”, seguindo novamente a proposta de Lucrécia Ferrara (2013). O comunicar parece requerer o “sentir-interno”, o “en-*pathos*”. Nas palavras de Alves (2008, p. 338), a alteridade é “um sentido a descrever, não uma existência a demonstrar”.

Assim, o “saber o que o outro está sentindo” depende, antes, de um vínculo com o que Edith Stein (2005) chama de “sensações originárias” ou “primordiais”: é a experiência em primeira mão de cada pessoa a partir da qual se orienta a empatia – o “saber a respeito” do outro. As pessoas podem não ter as mesmas experiências, mas já passaram por vivências próximas: alguém pode não saber qual é a alegria que sua amiga está sentindo, mas já sentiu alegria – essa é sua “sensação originária” em relação à outra pessoa.

Nesse aspecto, Stein (2005; 2017) destaca a presença do corpo na empatia. Adaptando um exemplo da autora, vejo o corpo do outro em uma expressão de dor, alegria ou sofrimento; entendo seu gesto como revolta, descaso, júbilo; seu semblante denota tristeza, felicidade, desafio.

Não há como saber, lembra Stein, se a pessoa está sentindo, de fato, o que parece, mas é possível presumir isso a partir das sensações próximas que tenho e tive.

O processo da empatia não é automático, imediato, e menos ainda forçado: o estado do corpo do outro, lembra Sontag (2005), pode muito bem resultar em indiferença minha. Não é possível obrigar à empatia ou torná-la uma estratégia a ser usada com esta ou aquela finalidade: sua dimensão como *pathos* parece comandar algo diferente.

A empatia parece ser um processo aberto de percepção e conhecimento da alteridade que se apresenta e a partir da qual se pode estabelecer uma relação de comunicação. A inexistência dessa abertura para o outro dificulta o estabelecimento da comunicação na medida em que o terreno comum necessário para isso não é construído.

Conhecer as próprias sensações não é garantia de acesso ao que o outro está sentindo, mas oferece uma oportunidade para a ressonância da experiência alheia dentro das próprias limitações. As desigualdades na comunicação podem derivar, entre outros aspectos, dessa diferença: o conhecimento da própria vivência não se iguala ao conhecimento da experiência do outro senão em linhas gerais.

Isso leva ao segundo ponto: até que ponto posso “sentir” o que o outro sente?

A dimensão do reconhecimento e do encontro

Esse problema aparece, sobretudo, quando pensamos na empatia como “colocar-se no lugar do outro”. Essa definição pode levar a uma pergunta: é possível “colocar-se no lugar de alguém” e vivenciar algo que nunca se teve? Como “sentir” o mesmo que outra pessoa sem que isso resulte, na melhor das hipóteses, em um exercício de imaginação – na pior, na apropriação de um saber ou sentir alheio?

No curso de cada vida, as experiências são marcadas pela singularidade. Não só porque acontecem em uma época e um lugar determinados, mas, sobretudo, porque são momentos únicos na trajetória de uma pessoa, envolvidos diretamente na construção de sua subjetividade – e isso, ao que parece, pode ser compartilhado. Como ressaltam Hickson e Beck (2008, p. 382), “a empatia não é sempre bem-sucedida. Pode-se esperar [...] que pessoas respondam com graus variados de empatia dependendo da situação [...]”.

Nesse sentido, a fórmula “eu sei como você está se sentindo” pode não resistir a um exame mais detalhado. A frase revela algo que Edith Stein também adverte, utilizando outras expressões: a ilusão do conhecimento pleno dos outros. O ato de sentir da empatia não é “colocar-se no lugar do outro”, mas encontrar, na singularidade das sensações de cada um, um ponto comum daquele estado

que permite vislumbrar o que se passa no outro, relembra Bello (2000; 2005).

Nas palavras de Barea (2015, p. 95),

nem sempre entendemos o que o outro quer dizer, e nem sempre nos comunicamos com clareza para expressar o que queremos. No entanto, empatizando, capto o máximo que posso do comunicado do outro, seja um comunicado de súplica, de ira, de alegria, etc.

A comunicação, nesse sentido, parece estar relacionada a um laço de empatia como condição de reconhecimento da consciência e da sensibilidade do outro – um “rostro”, no sentido de Lévinas (2011; 2014; 2016), que pode pertencer inclusive ao animal. O vínculo da empatia auxilia a revelar o rosto que se configura quando se reconhecer a emoção, o sentido e sentimento expresso no outro.

No sentido proposto por Stein, recordam Patrícia Manganaro (2004) e Angela Bello (2005), a empatia permite a criação de um espaço comum relativo às experiências da alteridade, com o qual se torna possível estabelecer uma relação de comunicação.

Empatia não é apagar as diferenças, o que tornaria impossível a comunicação. Ao contrário, é necessário reconhecer e incluir as diferenças no processo comunicacional: se, como expressa Lucrecia Ferrara (2013), a comunicação existe na diferença, a empatia, na visão de Edith Stein, apresenta-se, se podemos usar uma imagem, como uma esfera comum irregular, acidentada, tensionada pelos gestos políticos, desigualdades e ambiguidades que a constituem.

Isso parece se manifestar com especial força na medida em que a empatia, para Stein, é uma ação. Isso se reflete pela ênfase no “empatizar”, como verbo, indicando o ato de aproximação entre um eu e um outro pela percepção de semelhanças e diferenças – uma perspectiva do fenômeno comunicacional em termos de uma “tentativa”, no dizer de Braga (2010), na abertura e no movimento de empatia para com a alteridade.

Aproximação, por sua vez, não desprovida de dissensos e estranhamentos: empatia não é sinônimo de “harmonia”; ao contrário, há tensionamentos constantes com as relações de poder e assimetrias histórico-sociais existentes na interação entre sujeitos. É preciso também levar em consideração a dificuldade, talvez impossibilidade, de “apreensão” do outro sem fazer disso uma redução ao mesmo, como aponta Lévinas, na “violência ética” à qual se refere Butler (2015). A proposta de Stein indica uma passagem na direção da alteridade a partir da consciência de si vislumbrada no outro.

Chegar ao outro sem a violência da redução, reconhecendo-o como mistério irredutível e familiaridade

possível, na abertura para a diferença que, se, por um lado, é infinita, não é absolutamente estranha: o gesto da empatia se apresenta como uma possibilidade para elaborar uma relação de comunicação. A empatia não se apresenta como ato de se colocar no lugar do outro, mas, antes, como um desejo de aprender o outro.

A construção da empatia começa na infância, como recordam os textos em Savian (2016), Fairbairn (2018) e Gallagher (2012). É desde pequeno que se aprende a reconhecer, nos outros, sensações parecidas com as próprias (“ele está alegre”, “papai está feliz”, “ela está com dor”) e perceber, para além de si mesmo, sensações e sentimentos comuns a outras pessoas.

Nas palavras de Gracioso e Parise (2017, p. 63), “se fossemos capazes de perceber de modo originário as vivências alheias, seria muito difícil falar da individualidade de cada eu, pois nosso fluxo de vivências se confundiria com o fluxo das vivências alheias”. E completam: “Mas, por outro lado, se não existir nenhuma possibilidade de captar o que é vivido pela consciência alheia, como seria possível a comunicação entre os seres humanos?”

É possível, assim, pensar a empatia para além de seu sentido comum de “colocar-se no lugar do outro”, mas como um “sentir-interior” da alteridade que se aprende no movimento. A “experiência originária” não pode ser transferida, destacam Ranieri e Barreira (2012). No entanto, vivenciamos experiências próximas, semelhantes, que permitem identificar, em termos cognitivos e afetivos, o estado do outro e retomar, como afirma Carolina Cardoso (2012, p. 23), “uma vivência representativa, pois está pautada sobre a percepção de uma pessoa”.

Stein (2005) propõe uma visão nuançada, falando em “graus de empatia”. Nem tudo pode ser compartilhado, e, mesmo quando isso é possível, não acontece em condições iguais:

“Eu”, “vida”, “alegria”, quem poderia compreender o que significam estas palavras sem tê-las experimentado por si mesmo? Mas ao experimentá-las, não se conhece somente seu eu, sua vida, sua alegria, mas se compreende também o que são o eu, a vida e a alegria em geral. E somente porque o compreende pode conhecer-se e compreender seu eu, sua vida, sua alegria enquanto eu, vida e alegria (Stein, 2015, p. 83).

A empatia, ao lado da comunicação, apresenta-se como um gesto fundador da vida social na medida em que permite o estabelecimento de relações entre as pessoas, destaca Vanderberghe (2002). Interações, argumenta o autor, ocorrem continuamente: “Mas apenas quando eu me endereço a você, quando entramos de fato em comunicação um com o outro, minhas ações podem motivar as suas, e vice-versa”, afirma, “e então

uma unidade mais alta de consciência que constitui a essência da vida social é estabelecida” (Vandenbergh, 2002, p. 576).

E uma das maneiras mais comuns em que isso acontece é a dimensão narrativa da empatia em seu entrelaçamento com o ato comunicacional.

A dimensão narrativa, o contar e a escuta

A dimensão narrativa da empatia é destacada por algumas autoras e autores, como Parrella (1972), Peixoto, Mourão e Serpa (2016) e Ritivoi (2018). Sentir com o outro a partir de uma vivência narrada é um dos elementos da empatia – o que inclui a dimensão da escuta. Paul Zumthor (1993) mostra como a narrativa, especialmente a vocal, está ligada às condições de escuta de uma determinada época, às séries de sentidos colocados em circulação para conseguir, no ouvinte, o envolvimento com o que é contado.

Na narrativa, há um vínculo que permite a quem ouve – ou assiste – sentir-se “dentro”, ou o mais próximo possível, da história narrada. Isso pressupõe imaginação, próxima da intuição, no ato de empatia ligado à comunicação: “aproximar-se” do outro caminha próximo do um “imaginar-se” como o outro, ressalta Goldie (1999). Nas palavras de Stein (2005, p. 103), “através do fenômeno da expressão, sou introduzido nas redes do sentido psíquico e com ele adquiro, ao mesmo tempo, um meio importante para a correção de atos de empatia”.

A narração da experiência abre as possibilidades de um “sentir-com” o outro, seja pela interpelação de uma narrativa testemunhal, seja pela ficção. O sentir da voz, e recorre-se novamente a Zumthor (1993), ecoa através da sensibilidade do ouvinte no despertar de emoções, paixões e sentimentos da esfera do vivido, trazendo, assim, a “experiência originária” da alteridade para ressoar na forma de uma vivência de quem escuta.

O testemunho, em particular, parece estar revestido de uma potência de comunicação empática tanto mais forte quanto for a perspectiva de intensidade da narrativa. Como recorda Gatherina Koltai (2016), a narrativa de testemunho é dirigida a uma alteridade que tende a se identificar com as experiências vividas, estabelecendo laços de comunicação. No entanto, vale apontar também que nem sempre isso acontece: é possível recusar o gesto de empatia diante do testemunho: os casos representativos aproximam da indiferença, como recorda Sontag (2005), ou do sentido de uma “banalidade do mal” indicado por Arendt (2006).

Na narrativa, o gesto de empatia se consolida na construção de um espaço comum sustentado pelo entrelaçamento com as vivências da alteridade. Isso pode ser notado com mais nitidez em testemunhos que revelam

experiências traumáticas, silenciadas, situações-limite diante das quais a palavra, que talvez se tornasse impossível, vive no dizer do outro.

Esta dimensão recorda que a noção fenomenológica de empatia se distancia de um conceito próximo da “compaixão”, da “pena” ou da “piedade”, necessariamente ao encontro de uma dor, uma dificuldade ou sofrimento. O gesto de empatia aponta para outra direção: compreender o diferente, mesmo que a diferença, em alguns casos, seja de ordem cognitiva, ética ou moral – daí a proposição de Stein (2005) do “empatizar” como processo aberto, não necessariamente da “empatia” como dado fechado.

Não parece haver nenhuma “suavidade”, “generosidade” na empatia: ao contrário, pode se mostrar bastante “dura” quando é dirigida a alguém com quem não se compartilha nenhum valor moral ou afeto imediato. Empatia não significa uma identificação prévia de sentimentos, nem sua alteração necessária *a posteriori*, mas o “sentir-com” o outro em um grau e duração limitada. A título de exemplo, Muszkat (2011) e Gamba (2016) analisam a narrativa de vilões, reais ou ficcionais, no sentido de entender suas ações – sem, evidentemente, justificá-las, diminuir sua responsabilidade ou consequências. Como recorda Morin (2006), ecoando Arendt (1996), “compreender não é justificar”.

A narrativa, em seu aspecto testemunhal ou de fabulação, faz lembrar que se trata de um ato distante, no espaço e no tempo, do momento e do lugar no qual se narra – inapreensível em sua totalidade, mas compreensível naquilo que possui em comum com quem ouve.

A condição da escuta, neste ponto, apresenta-se como decisiva para o estabelecimento de uma relação de comunicação a partir da empatia. A imaginação necessária para o “sentir-com” a alteridade requer uma atenção interessada no que o outro narra, uma escuta pautada na sensibilidade para compreender o dizer, não somente o dito – retomando Lévinas – em uma integralidade apenas vislumbrada, mas nem por isso menos sentida, para com os outros. A escuta requer uma “outra maneira de escutar”, diz Liesbeth Lipari (2009, p. 56): “ouvir outramente é receber bem o outro, mas como um *outro*, um convidado, um ‘não-eu’”.

A empatia na comunicação não depende apenas do tempo dedicado à escuta da alteridade, mas também da intensidade da atenção comprometida com o outro. Não por acaso, Simone Weil (2005) destaca a importância da atenção como fundamento da relação com a alteridade: para receber o olhar que interpela, a voz que se dirige, a expressão que convoca, é necessária uma atenção direcionada ao outro para encontrar um terreno comum na diferença, tornando possível a comunicação.

A construção da empatia na comunicação pode ser entendida como uma dupla hospitalidade da narrativa e da escuta.

Hospitalidade da narrativa: quando se conta uma história para alguém, algo se torna presente novamente, algo é desvelado, mostrado em seu sentido – a narrativa requer não apenas a coragem de dizer, mas de mostrar-se, acolhendo o outro na história contada. Hospitalidade na escuta: o ato de receber a narrativa do outro como potência da relação empática, procurando, para além de ouvir, sentir a alteridade que se apresenta.

Quando isso não ocorre, pode haver um deslocamento da experiência alheia em um lugar questionável de vivência, observação e fala (um homem dizendo como uma mulher “se sente”, uma pessoa de classe alta explicando como é viver em situação de vulnerabilidade econômica).

Essa questão vai mais além, e aqui vale assinalar dois pontos – sem pretensão de uma resposta, mas para reforçar a pergunta.

De um lado, a aproximação empática, se entendida como compreensão da vivência de uma pessoa, parece encontrar várias negativas, sendo uma das primeiras ainda de ordem lógica: não é possível “estar no lugar de alguém” real, a não ser a partir de um exercício imaginativo de validade questionável.

Por outro lado, essa postura, reduzida ao absurdo, tornaria difícil a própria ideia de narrativa, tanto em termos estéticos quanto cognitivos: não seria possível se identificar ou emocionar com nenhuma outra história ou narrativa exceto a própria, colocando diretamente problemas para a questão da mimese e da catarse no âmbito da literatura, da ficção e da arte (sem empatia não seria possível se emocionar lendo um livro, assistindo a um filme, etc.).

Amanda Santos (2016, p. 53) define isso ao escolher a narrativa ficcional como objeto de uma pesquisa sobre ética e alteridade: “Lancei mão da literatura por ser um pouco mais fácil falar sobre a vida e o viver. Olhar para outrem também é dar-lhe lugar e conforto”.

Considerações finais

Quando olho nos olhos de uma pessoa, seu olhar me responde. Deixa-me penetrar por dentro ou me rejeita. É o senhor de sua alma, pode abrir e fechar suas portas. Pode sair de si mesmo e entrar nas coisas. Quando as pessoas se olham, estão frente a frente um eu e outro eu. Pode ser um encontro no limiar ou no interior da pessoa. Se é um encontro interior, o outro é um tu. O olhar do humano fala (Stein, 2016, p. 94).

A empatia, em sua formulação fenomenológica, dialoga com a comunicação de mais de uma maneira. Ao criar um espaço de reconhecimento mútuo, abre a possibilidade de construção de um vínculo de comunidade que leva em consideração a diferença como ponto fundamental de toda a relação e, ao mesmo tempo, aponta para a

existência de elementos comuns, sobretudo no campo da emotividade e da sensação, responsáveis por permitir o entendimento do outro. Buscar o comunicacional, como recorda Signates (2013), é parte de um processo de conhecimento do elemento epistemológico da comunicação.

Como assinala Gabrina Pounds (2010, p. 140), a empatia é um “conceito altamente complexo e difícil de definir e medir, levando em consideração suas dimensões cognitivas, afetivas, comportamentais e semióticas”. As dimensões apontadas neste texto, como aproximação sensível, reconhecimento e narrativa, relacionam-se de maneira diferente com a comunicação, ora envolvendo-se no processo, ora facilitando as condições de sua existência.

Caminhando de maneira paralela aos fenômenos de comunicação, ao qual está ligada sem se confundir, a empatia, como um “sentir relacional”, permite vislumbrar o ponto de vista – e o ponto de fala – da alteridade a partir de uma noção de proximidade, não exatamente de identificação ou usurpação, mas trabalhando em um descentramento do indivíduo no movimento rumo ao outro. A empatia não é algo dado, já pronto, mas continuamente construído e reconstruído na relação com a alteridade.

Dessa maneira, a empatia se apresenta como a possibilidade de “sentir em relação”, não “sentir no lugar” do outro. A vivência originária permanece inapropriável por outrem; no entanto, na abertura da generalidade de sua experiência é possível traçar uma aproximação que permite não apenas construção de um espaço comum, mas abre caminho para a resposta à interpelação de outrem no espaço da comunicação.

Referências

- ALVES, P.M.S. 2008. Empatia e ser-para-outrem: Husserl e Sartre diante do problema da intersubjetividade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, **8**(2):334-357.
- ARENDT, H. 2006 *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ARENDT, H. 1996. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- ASSIS Jr., F.P. 2017. *Sociopatas digitais: comportamento antissocial e empatia em ambientes virtuais*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.
- BAREA, R. 2015. *O tema da empatia em Edith Stein*. Santa Maria, RS. Dissertação de Mestrado, UFSM.
- BELLO, A.A. 2000. *Fenomenologia do ser humano*. Bauru, Edusc.
- BELLO, A.A. 2005 *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru, Edusc.
- BODIE, G.D.; VICKERY, A.J.; CANNAVA, K.; JONES, S.M. 2015. The Role of “Active Listening” in Informal Helping Conversations. *Western Journal of Communication*, **79**(2):151-173, March-April.
- BOEMER, M.R. 1984. Empatia – proposta de abordagem fenomenológica. *Revista da Escola de Enfermagem*, **5**(1):23-29.
- BOIS, D.; AUSTRY, D. 2008. A emergência do paradigma do sensível. *Ambiente Educação*, **1**(1):1-20, jan./jul.
- BRAGA, J.L. 2010. Nem rara, nem ausente – tentativa. Trabalho apresentado no 20º Encontro da Compós. Rio de Janeiro, junho de 2010.
- BRENTANO, F. 2016 *Psychology from an Empirical Standpoint*. London, Routledge.
- BUTLER, J. 2016. *Relatar a si mesmo*. Belo Horizonte, Autêntica.
- CARDOSO, C.R.D. 2012. *Contribuições de Edith Stein para a epistemologia das ciências e para a psicologia científica*. Ribeirão Preto, SP. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- CHORY-ASSAD, R.M.; CICCHIRILLO, V. 2005. Empathy and Affective Orientation as Predictors of Identification with Television Characters. *Communication Research Reports*, **22**(2):151-156.
- CRUZ, T.C.; PAIVA, D.H.O. 2017. A empatia na publicidade. Trabalho apresentado no XIX Intercom Nordeste. *Anais...* Fortaleza, 29 de junho a 1º de julho de 2017.
- ESCALAS, J.E.; STERN, B.B. 2003. Sympathy and Empathy: Emotional Responses to Advertising Dramas. *Journal of Consumer Research*, **29**(1):566-578, March.
- FAIRBAIRN, G.J. 2018. Reflecting on Empathy. In: R.J. NELENS; L.J. THEO (ed.), *Exploring Empathy*. Boston, Brill, p. 21-38.
- FERRARA, L. D'A. 2013. A epistemologia de uma comunicação indecisa. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós. Salvador, junho de 2013.
- FERRARA, L. D'A. 2018. *A comunicação que não vemos*. São Paulo, Paulus.
- FONTGALLAND, R.C.; MOREIRA, V. 2012. Da empatia à compreensão empática. *Memorandum*, 23:32-56.
- FRANÇA, V. 2001. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: Luiz Gonzaga MOTTA; V. FRANÇA; R. PAIVA; M.H. WEBER (orgs.), *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília, Editora UnB, p.13-29.
- GALLAGHER, S. 2012. Fenomenologia da intersubjetividade. *Revista Filosófica de Coimbra*, **42**:557-582.
- GAMBA, J. 2016. *Cara de vilão*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado, UFRGS.
- GLÜCK, A. 2016. What Makes a Good Journalist? Empathy as a Central Resource in Journalistic Work Practice. *Journalism Studies*, **17**(7):893-903.
- GOLDIE, P. 1999. How We Think of Others' Emotions. *Mind & Language*, **14**(4):394-423, December.
- GOMES, R. 2009. Alice através dos neurônios-espelho: empatia e personagens autônomos nos videogames. Trabalho apresentado no XXXII Intercom. *Anais...* Curitiba, PR, 4 a 7 de setembro de 2009.
- GRACIOSO, J.; PARISE, M.C.I. 2017. Eu puro e empatia segundo Edith Stein. *Argumentos*, **9**(18):60-73, jul./dez.
- GUIMARÃES, G.A.; CAMARGO, L.O.L. 2016. Influência e importância da empatia na hospitalidade. Trabalho apresentado no 13º ANPTUR. *Anais...* São Paulo, 28 a 30 de novembro de 2016.
- HICKSON, M.; BECK, C.M. 2008. Genetic, Neurological, and Social Bases of Empathy. *Human Communication*, **11**(3):367-390.
- HUSSERL, E. 2016. *Meditações cartesianas e Conferências de Paris*. Rio de Janeiro, Gen.
- KOLTAL, C. 2016. Entre psicanálise e história: o testemunho. *Psicologia USP*, **27**(1):24-30.
- KUSANO, M.B. 2014. *A antropologia de Edith Stein*. São Paulo, Ideias e Letras.

- LAROCCO, S. 2018. Empathy as Orientation rather than Feeling. In: R.J. NELENS; L.J. THEO (orgs.), *Exploring Empathy*. Boston, Brill, p. 1-16.
- LÉVINAS, E. 2014. *Totalidade e Infinito*. Lisboa, Ed. 70.
- LÉVINAS, E. 2011. *Entre nós*. Petrópolis, Vozes.
- LIPARI, L. 2009. Listening Otherwise: The Voice of Ethics. *The International Journal of Listening*, **23**(1):4-59.
- MAGNAVACCA, S. 2005. *Léxico técnico de filosofia medieval*. Buenos Aires, Miño.
- MANGANARO, P. 2004. Alteridade, filosofia, mística: entre fenomenologia e epistemologia. *Memorandum*, 6:3-24.
- MARCONDES FILHO, C. 2012. A Comunicação no sentido estrito e o Metáporo. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós. Juiz de Fora, junho de 2012.
- MARQUES, A.C.S.; MARTINO, L.M.S. 2018. *Ética, mídia e comunicação*. São Paulo, Summus.
- MARTINO, L.M.S.; MARQUES, A.C.S. 2017. A afetividade do conhecimento na comunicação. Trabalho apresentado no GT Epistemologia da Comunicação do 26º Encontro da Compós. São Paulo, Cásper Líbero, 05 a 08 de junho de 2017.
- MARTINO, L.M.S.; MARQUES, A.C.S. 2018. A comunicação como ética da alteridade. Trabalho apresentado no GT Epistemologia da Comunicação do 27º Encontro da Compós. Belo Horizonte, PUC-MG, 06 a 09 de junho de 2018.
- MILLER, K.I. 2007. Compassionate Communication in the Workplace. *Journal of Applied Communication Research*, **35**(3):223-245, August.
- MORIN, E. 2006. *O método: Vol. 6 – Ética*. Porto Alegre, Sulina.
- MUSZKAT, S. 2011 *Violência e masculinidade*. São Paulo, Pierson.
- PARRELLA, G. 1972. Image and Mirror: Empathy in Language. *Western Speech*, **36**(4), Fall.
- PEIXOTO, M.M.; MOURÃO, A.C.N.; SERPA Jr., O.D. 2016. O encontro com a perspectiva do outro. *Ciência & Saúde Coletiva*, **21**(3):881-890.
- PEREIRA, J.S. 2013. Algumas reflexões sobre o conceito de empatia e o jogo de RPG no ensino de história. Trabalho apresentado no 27º Simpósio Nacional de História. *Anais...* Natal, 22 a 26 de julho de 2013.
- PEREIRA, N.C. 2014. *Empatia: uma (des)construção teórica e clínica*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica.
- PETERS, F.R. 1983. *Léxico filosófico grego*. Lisboa, Ed. 70.
- POUNDS, G. 2010. Empathy as 'Appraisal'. *Journal of Applied Linguistics and Professional Practice*, **7**(2):139-162.
- RANIERI, L.P.; BARREIRA, C.R. 2012. A empatia como vivência. *Memorandum*, 23:12-31.
- RITIVOI, A.D. 2018. *Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa*. São Paulo, Letra e Voz.
- SAMPAIO, L.R.; CAMINO, C.P.S.; ROAZZI, A. 2009. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia, Ciência e Profissão*, **29**(2):212-227.
- SANCHEZ, D.G. 2014. Estranheza e propriedade: a experiência da empatia em Edmund Husserl. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, **3**(2):99-111.
- SANTOS, A.R. 2016. *Ética da alteridade: cuidado e responsabilidade no encontro com outrem*. Volta Redonda, RJ, Trabalho de Conclusão de Curso, UFF.
- SAVIAN FILHO, J. (org.). 2016. *Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein*. São Paulo, Loyola.
- SIGNATES, Luiz. 2013. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade. In: J.L. BRAGA; P.G. GOMES; J. FERREIRA; A. FAUSTO NETO, *10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, Unisinos, p. 19-29.
- SODRÉ, M. 2014. *A ciência do comum*. Petrópolis, Vozes.
- SONTAG, S. 2005. *Diante da dor dos outros*. São Paulo, Companhia das Letras.
- STEIN, E. 2005 *Sobre el problema de la empatia*. Madrid, Trotta.
- STEIN, E. 2017. *La estructura de la persona humana*. Madrid, BAC.
- STEIN, E. 2005. *Ser finito y ser eterno*. México D. F., FCE.
- VANDENBERGHE, F. 2002. Empathy as the Foundation of the Social Sciences and Social Life. *Sociedade e Estado*, Brasília, **17**(2):563-585, jul./dez.
- VIEGAS, D. 2016. Discurso afetivo e contrato de comunicação na Vida Simples: a empatia por meio de comentários de leitores no Facebook. Trabalho apresentado na 17ª Intercom Sul. Curitiba, 26 a 28 de maio de 2016.
- WOLTON, D. 2011. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre, Sulina.
- YAMAMOTO, E.I. 2014. O conceito de comunidade na comunicação. *Galáxia*, **21**(2):438-458.
- WEIL, S. 2005. *Espera de Deus*. Lisboa, Assírio e Alvim.
- ZUMTHOR, P. 1993. *A letra e a voz*. São Paulo, Companhia das Letras.

Artigo submetido em 19-07-2019

Aceito em 22-10-2019